

Cuidar – uma via de mão dupla

Talking care – a two way road

Isabel Cristina Bogéa Borges*

Resumo: As relações iniciais da criança com seus cuidadores – pais ou educadores – são extremamente importantes para a instauração precoce do aparelho psíquico infantil. Esta pesquisa procura investigar a qualidade do cuidado, oferecido aos bebês nos berçários de duas creches, à luz da psicanálise.

Palavras-chave: Qualidade do cuidado, relação bebê-cuidador, creche, psicanálise, aparelho psíquico.

Abstract: *The inicial relationships of the child with the caregivers – parents or educators – are extremely important for the early establishment of the psychic apparatus infantile. The purpose of this research is to investigate the care's quality, offered to babies in two day nurseries in the light of psychoanalysis.*

Keywords: *Quality of care, relationship baby-caregiver, day nursery, psychoanalysis, psychic apparatus.*

* Psicanalista, Membro Efetivo/CPRJ, Especialista em Educação Infantil; Mestranda em Psicologia Clínica/PUC-Rio; Membro do Grupo de Pesquisa Infância, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental/UNIRIO, orientado pela Profa. Doutora Léa Tiriba; Membro do Grupo de Pesquisa Relações Objetivas Precoces e Constituição do Sujeito, sob orientação da Profa. Doutora Silvia Zornig/PUC -Rio.

Os bebês vêm nos tocar em nossas partes mais sensíveis, mais frágeis. Ocupar-se do bebê é aceitar ser tocado nas partes mais vulneráveis, nas angústias mais arcaicas, nas posições depressivas primárias(...) Isso induz os riscos de evitamento, de evitar ser tocado pelo que vem do bebê, mesmo se escolhemos nos ocupar deles (Golse, 2003).

I. A origem desta investigação

O tema do cuidado vem se desdobrando na minha experiência profissional como psicanalista para além dos limites da clínica.

Em 2005, alguns profissionais do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro – CPRJ, organizaram o grupo de pesquisa Os Primórdios da Vida Psíquica – Clínica dos Primeiros Anos. Cada participante ou subgrupo escolheu uma área de interesse para desenvolver sua pesquisa.

Esta pesquisa propõe um diálogo entre Psicanálise e Educação. Especificamente sobre a relação de cuidados entre adultos e crianças que nos dias de hoje extrapola o âmbito doméstico ou familiar, contando com a participação inestimável das instituições educacionais.

Este artigo também se valeu da monografia desenvolvida para o curso de Especialização em Educação Infantil – Perspectiva de Trabalho em Creches e Pré-Escolas (2005/2006)¹⁰.

II. Refletindo sobre a sociedade em que vivemos

Em uma sociedade individualista e consumista cada vez temos menos acesso ao outro. Perdemos em um

consumir ininterrupto, onde os modismos e as últimas novidades do mercado servem de eixos centrais que orientam os sujeitos na condução de suas vidas cotidianas (Jobim e Souza, Garcia e Rabello de Castro, 1997, p. 99).

A fragilidade e a debilidade das trocas afetivas em nossa sociedade exigem uma compreensão do contexto no qual se desenvolvem nossas crianças. Vivemos em uma sociedade marcada historicamente por uma desvalorização dos

¹⁰ Orientada pela Profa. Doutora Léa Tiriba Nima/PUC-Rio e Profa. Adjunto/UNIRIO.

atributos vinculados a emoção e ao cuidado. Estamos mergulhados em uma supervalorização do aspecto intelectual. Em um mundo também regido pela ditadura do individualismo e do imediatismo, priorizados pelo neoliberalismo que enaltece a produção e o consumo em detrimento das relações (Tiriba, 2005).

Quais seriam os reflexos das exigências desta sociedade nas relações de cuidado entre bebês e adultos nas instituições educacionais?

Guimarães destaca dois enfoques a partir dos quais nossa sociedade percebe as crianças atualmente. O primeiro pensa a criança como um “vir-a-ser”, um ser inacabado, pronto a receber toda a nossa pedagogia escolar. O segundo confere poder a criança, até mesmo como consumidora, mas na verdade, abandonando-a em seu desamparo infantil. Em ambos a criança fica sem lugar.

Como escapar da seta ascendente da modernidade (que coloca a criança como outro a completar-se somente no futuro) e, ao mesmo tempo, como fugir do discurso presente que supervaloriza a potência da criança, desqualificando, portanto, a relação alteritária com o adulto (Guimarães, 2004)?

Quem e como serão as crianças criadas e educadas neste contexto?

III. Uma breve história da Educação Infantil

Um pequeno passeio pela história da Educação Infantil nos permitirá contextualizar o pano de fundo que sustenta a estreita relação entre o cuidar e a mulher, evidenciando a construção de uma extrema desvalorização do cuidado em nossa sociedade.

A história da Educação Infantil, no Brasil, se confunde com a história da pobreza e com a história da mulher. Assim trago algumas referências esquecidas no tempo. As creches foram historicamente criadas para atender aos órfãos e aos filhos de mães trabalhadoras, que precisavam de um lugar seguro para deixar seus filhos durante o turno de trabalho. A origem das creches, portanto, está no atendimento às camadas populares. Assim, sua função como guardiã e depósito de crianças é marcante, delineando um caráter assistencialista visceral, presente ainda no século XXI. Muitas vezes ainda distante de assumir uma função também educativa.

(...) a creche é basicamente, um lugar onde a criança dorme, come e brinca, enquanto sua mãe trabalha, ou seja, não é vista como um ambiente educativo valorizado, no qual o acesso aos bens culturais deveria ser facilitado, oferecido e acessível a qualquer criança que dele participasse (Pacheco, 2009 *apud* Rosemberg, Campos & Malta, 1985; Bujes e Hoffmann, 1989; Pacheco, 2002).

A constituição de 1988 promove as crianças ao estatuto de sujeitos de direito, transferindo – lhes o direito a creche. A creche passa a ser um dever do Estado, um direito da criança e uma opção da família. Em 1996, com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases), as creches passam a integrar a Secretaria de Educação e incorporam o aspecto educativo. No entanto, a necessidade de cuidar de crianças, que chegam às creches a partir dos quatro meses, permanece. Instaura-se, assim, uma tensão entre cuidar e educar no campo da Educação Infantil.

Essa tensão reproduz a tensão do paradigma da modernidade que estabelece uma cisão entre razão e emoção, mente e corpo, homens e mulheres, etc. Hierarquizando sempre um dos pólos e desprestigiando o outro (Tiriba, 2005).

Cuidar de crianças tem sido uma tarefa associada às mulheres. Numa visão dicotômica, homens e mulheres fazem parte de mundos distintos. A mulher é mãe, dona de casa, responsável pelo bem estar familiar. O homem transita melhor pelo mundo das idéias, preocupando-se com o que realmente vale a pena.

Mas o que configura o patriarcalismo é a importância que a sociedade confere aos papéis atribuídos a cada um dos sexos: os homens se dedicam e se preocupam com coisas mais importantes, isto é, com o dinheiro, com o seu trabalho, com a carreira, com o que diz respeito ao mundo do público. As mulheres se preocupam com o que teria menos importância, ou seja, que está relacionado à esfera do privado: a organização da casa, o cuidado com a alimentação e a higiene dos filhos, a saúde e o conforto da família. Podemos, em síntese, dizer que os homens cuidam das coisas, as mulheres cuidam das pessoas (...) Valorizar a experiência feminina, desconstruindo elementos de subordinação patriarcal sem jogar fora o saber que é fruto de seu modo histórico de pensar-sentir-fazer: esse seria o desafio para

um projeto de formação de educadoras que visasse enfatizar a importância do cuidar (Tiriba, 2005, p. 76-78).

Tradicionalmente cuidar de crianças pequenas está associado ao ambiente familiar, pressupondo uma dedicação materna. No entanto, a participação cada vez maior da mulher no mercado de trabalho, inclusive de mulheres pertencentes às classes médias da população, contribuiu para provocar uma reflexão mais abrangente do atendimento a crianças em creches, não mais limitado ao atendimento das classes populares (Pacheco, 2009).

Esta idealização do meio familiar, como o lugar por excelência para cuidar de bebês funciona como uma sombra para o dispositivo de atendimento nos berçários das creches. Dito de outra maneira

A idéia de que o meio familiar pode ser transportado para a creche prevalece nas práticas desenvolvidas em instituições voltadas para o atendimento de crianças pobres. É necessário, no entanto observar que, na transposição de um esquema doméstico e familiar para o âmbito coletivo, as tarefas são praticamente as mesmas em termos de cuidados básicos, mas o tempo e o volume de trabalho nelas investidos se tornam muito maiores. Esta constatação tem favorecido e corroborado o surgimento de um modelo mecânico como o único capaz de dar conta de um grande número de tarefas de maneira rápida e eficiente por um número pequeno de pessoas (Pacheco, 2009, *apud* Rosseti-Ferreira, Amorim & Vitória, 1997).

Nestas circunstâncias a singularidade de cada criança não é contemplada, comprometendo sua qualidade de vida, como também, seu direito como cidadã garantido pela Constituição.

IV. Desenvolvimento da pesquisa

A pesquisa foi realizada em berçários de duas creches do Município do Rio de Janeiro: uma filantrópica e outra particular. Em um acordo com as duas creches observadas desenvolvi uma metodologia de investigação baseada na interação entre o sujeito observador e os sujeitos observados.

A creche filantrópica está localizada na zona sul da cidade e oferece 2 modalidades de atendimento: a de abrigo, quando as crianças dormem durante a semana na instituição e voltam pra casa no final de semana e a de creche em período integral, com entrada pela manhã e saída à noite. Atende à camada popular da população.

O espaço físico da creche, embora bem estruturado, não valoriza a autonomia das crianças. Alguns deslocamentos entre o berçário e o terraço oferecem perigo para que possam se movimentar sozinhas, exigindo uma eterna vigilância dos adultos. Não há contato com a natureza. O número de crianças gira em torno de 18 a 22 crianças. Quatro educadores, sem formação de nível médio, são responsáveis pelo berçário. A observação foi feita em uma única manhã, durante 3 horas.

A creche particular também se localiza na zona sul do Rio de Janeiro e atende a classe média alta. O espaço físico é muito pequeno e o contato com a natureza é muito raro. O número de crianças por turma varia entre 10 e 12. Existe uma educadora responsável, com formação de nível médio, e 4 auxiliares, sendo que nem todas completaram o Ensino Fundamental. Durante 10 semanas, as observações foram realizadas em duas visitas semanais de 3 horas de duração.

Em ambas as creches o investimento na formação das educadoras de berçário é inexistente, apesar da baixa qualificação das profissionais. Os salários são irrisórios e insuficientes para garantir sua própria sobrevivência e custear a própria qualificação. O Estado não pode apenas garantir a oferta do serviço de creche, deve fiscalizar a qualidade dos cuidados oferecidos às crianças, seja em instituições particulares, seja em instituições públicas ou filantrópicas.

Os focos principais, aqui desenvolvidos, foram o da observação e o da análise da relação de cuidado entre educadores e bebês. A partir deste foco, refletimos sobre os cuidados oferecidos aos bebês nas creches a partir de um olhar psicanalítico, pontuando as interações observadas num diálogo permanente entre teoria e prática. Concluimos, defendendo a introdução do saber psicanalítico na formação do educador, capacitando-o para um atendimento facilitador do desenvolvimento e da constituição subjetiva infantil.

Dois temas relevantes no cotidiano dos berçários – interações possíveis.

O referencial de uma interação promissora, como diria Winnicott, é uma interação que não prive a criança da construção de um *espaço potencial*,

definido pelo autor como um espaço de interação entre a criança e o meio ambiente, desde o seu nascimento.¹¹ O cuidar produz uma troca afetiva entre quem cuida e quem é cuidado.

1. O momento da alimentação nas duas instituições

Em ambas as creches o momento do almoço é muito estressante.. Percebemos uma preocupação em alimentar o bebê, no sentido da pura e simples nutrição, esquecendo qualquer possibilidade lúdica que possa transformar este momento em algo prazeroso ou em um momento de confraternização, como costuma acontecer na vida adulta (Bogéa Borges, 2006, p. 37).

Na creche particular algumas crianças não devem se sujar na hora do almoço, porque já tomaram banho e vão sair após o almoço da instituição. Assim, são impedidas de brincar com a alimentação, provavelmente atrasando uma conquista de autonomia e de prazer. A preocupação em alimentar as crianças e em mantê-las limpas, enrijece o atendimento, exemplificando a mecanização do ato de cuidar nas creches, transformando o ato de comer em algo desagradável e pesado. No entanto, as crianças nesta instituição são, relativamente, mais respeitadas quanto a sua singularidade nutricional. Por exemplo, se estiverem dormindo na hora da alimentação não são acordadas, seu sono é respeitado. Muito menos são obrigadas a comer até a última colherada; quando se sentem satisfeitas, podem rejeitar a comida.

O menino que alimentamos, na instituição filantrópica, já consegue comer sozinho e se diverte experimentando levar a colher até boca. Mas é claro que, no processo de aprender a comer sozinho, muita sujeira e bagunça são produzidas. As profissionais não permitem que as crianças se alimentem sozinhas para que não sujem o chão, a roupa ou demorem muito. Afinal de contas, será trabalho delas, que já não dispõem de muito tempo, dar conta de deixar tudo em ordem novamente. Então, as crianças não podem segurar a colher e tornam-se apenas bocas abertas a serem alimentadas. A conquista

¹¹ Numa vivência inicial de indiferenciação com o mundo, o bebê constitui-se onipotente. Esta onipotência é conservada e necessária por algum tempo, encontrando sustentação na relação com o adulto-cuidador. A *dependência absoluta* experimentada neste início constrói as raízes do sentimento de confiança no ambiente, ou não, abrindo caminho para a *dependência relativa* e para uma futura *independência*. Em direção a independência, deslizamos por inúmeros encontros e desencontros nas relações com os que nos cercam.

da autonomia fica esquecida em nome da execução de tarefas, totalmente desconectadas da relação com a criança como alguém que tem vontades, desejos, prazeres, ou seja, alguém que já é um sujeito cidadão e um sujeito de desejos. Uma rotina organizada em função dos adultos e não das crianças realmente não poderia funcionar, mas como vimos acima, as educadoras passam o dia assoberbadas de trabalho e a única maneira encontrada de dar conta é esvaziar as relações de afeto, transformando o ato de cuidar em algo mecânico.

2. A interação entre pais e educadores nos berçários – dois exemplos

Exemplo 1– na creche particular, uma criança com frio nos pés chora, uma educadora diz a outra que mais uma vez a mãe esqueceu de colocar meias e que não vai emprestar de outra criança porque a mãe esquecida nunca devolve o que pega emprestado. Nesta situação podemos perceber uma irritação da educadora com a mãe esquecida, questionando seus cuidados com seu filho.

Exemplo 2– uma criança em processo de adaptação, no modelo abrigo, passou sua primeira noite na creche filantrópica e amanheceu muito triste, chorosa e sem vontade de comer. Uma educadora muito nervosa com a inapetência da criança força a mamadeira em sua boca. A criança engasgada e fica muito assustada. Esta educadora perde a paciência e sai angustiada, gritando que por isso não quer ter filhos, eles são só problema. O desespero da criança mobiliza esta profissional desencadeando nela um processo doloroso, insuportável, que a impede de lidar com a situação

Outra educadora se aproxima da criança chorosa e diz que se continuar assim, vão ter que chamar a família para buscar a menina, num tom de ameaça, provavelmente incompreensível para a criança. Critica os pais e diz que é sempre assim, pelo menos na primeira semana as crianças sofrem e os pais não aparecem para visitar. Ela se afasta dizendo que a criança é manhosa.

Uma terceira educadora refere-se aos pais da criança como pessoas trabalhadoras que não têm onde deixar a criança durante a semana de trabalho e procura acalmar a criança que novamente começa a soluçar, já perdendo as forças. Esta educadora entrega seu ursinho trazido de casa e esta começa a se acalmar

V. Psicanálise e Educação – Uma parceria possível?

Refletindo sobre os exemplos trazidos à luz da psicanálise.

A alimentação na creche

As crianças desde muito cedo marcam sua singularidade expressando de inúmeras maneiras seus desejos, seu jeito de ser. Observamos exemplos muito comuns, como a dificuldade que algumas crianças apresentam para se alimentar. Muitas vezes elas não querem comer, só isso! Elas não têm vontade de comer. No entanto, suas mães ou suas educadoras na creche ficam preocupadas. Não sem razão, pois são os adultos os responsáveis pela alimentação das crianças por um longo período de tempo, o que demanda uma enorme dedicação. Como diz Dolto, é lento o movimento da criança ganhar autonomia, ou de realizar o que ela chama de *automaternar-se*. Acreditamos, erroneamente, que nosso dever é impor-lhes um ritmo, quando seria muito melhor acompanhar o ritmo delas, conhecendo cada uma (Dolto, 1999, p.18).

Numa visão lacaniana também podemos corroborar com esta visão:

(...) estão em jogo, durante os momentos de alimentação, importantes aspectos que revelam como vem se estabelecendo o laço do bebê ou criança pequena com o Outro (Teperman, 2005, p. 189).

Winnicott também contribui ao defender que a observação de crianças em situações estabelecidas, como, por exemplo, a relação da criança com a comida, revela informações sobre o desenvolvimento emocional desta criança.

É através da boca que o bebê experimenta e explora o ambiente a sua volta. A região da boca é extremamente importante na conquista inicial que a criança faz do mundo.

Talvez a demanda de uma interação entre adultos e crianças que atravessa o ato de dar de comer ao bebê, explique porque tanta angústia é mobilizada na alimentação. Uma atividade, que parece tão corriqueira, exige do adulto um investimento importante.

Teperman complementa:

Sabemos que não é só de leite que o bebê se nutre quando mama, mas também de significantes, e que este momento

o marca para além de suas necessidades alimentares, a partir daquilo que o Outro – como tesouro dos significantes – antecipa e significa para ele. Assim, não é sem conseqüências para um bebê se sua mãe supõe em seu choro sempre fome e introduz o seio em sua boca ou se começa a matizar o choro, introduzindo outras possíveis leituras e ações diante deste. Também não é sem conseqüência se, diante do choro, a mãe se desespera para atender o bebê imediatamente ou se vai construindo, junto com ele, condutas de espera, de forma que este possa esperar um momento para ser atendido sem desorganizar-se (Teperman, 2005, p. 193).

A criança constrói, desde que nasce, laços com o Outro, criando, assim, as condições para que possa experimentar a vida. Esse Outro Primordial, seja a mãe ou quem cuida do bebê, ocupa um lugar determinante para o futuro desenvolvimento da criança.

A alternância da mãe em presença e ausência é uma operação simbólica e opera para além da presença ou ausência física daquela, implica em que a mãe não responda ao bebê apenas com presença e ausência. Esta experiência costuma coincidir com o primeiro semestre de vida do bebê e introduz importantes elementos pra que depois possa ocorrer a separação. Antes de iniciar esta alternância, a mãe precisa ter se estabelecido como presença para o bebê, ter traduzido seu apelo em demanda, ter investido libidinalmente o bebê, supondo ali um sujeito. Agora a mãe pode oferecer ao bebê experiências que vão para além do corpo materno (o desmame, a oferta de comida sólida, o brincar e os objetos transicionais) Entre o corpo da mãe e do bebê passa a haver um intervalo e o bebê passa a buscar relações com outros objetos primordiais ou substitutivos que lhe permitem suportar e significar as ausências da mãe (Teperman, 2005, p.195).

A interação entre pais e educadores

Precisamos distinguir aqui a especificidade de cada relação do adulto

com a criança: o que experimentam os pais com seus filhos e o que experimentam os educadores com suas crianças.

Com este objetivo pegaremos emprestadas as palavras de Regina Orth Aragão:

Foi Myriam David¹² quem contribuiu de maneira decisiva para a diferenciação entre os cuidados parentais e os cuidados profissionais. Segundo ela, a relação parental é em essência uma relação passional, os pais cuidam de seu bebê porque o amam, porque estão ligados a ele por laços de filiação. Na relação profissional, o cuidado vem em primeiro lugar, ele pré-existe necessariamente à relação, pois ele coloca em presença uma criança e um adulto que não têm nenhuma história em comum. É através do cuidado, portanto, que a relação se constrói. Podemos dizer que se trata de uma relação fundada sobre a interação entre a criança e o profissional (Orth, 2007, *apud* David, 1998).

Todas as vezes que convivemos com crianças rememoramos em nós a criança que fomos e ainda mais os pais idealizados que gostaríamos de ter tido. Desta forma, a idealização dos pais muitas vezes se choca com a idealização dos educadores e ambos esquecem a criança que está em jogo no momento presente.

Analisando os exemplos citados podemos pensar em algumas possibilidades:

Exemplo 1: a meia esquecida.

Esta educadora que critica o esquecimento da mãe é também mãe de cinco crianças e afirma, durante a conversa com sua colega, que jamais deixou um filho passar frio, considerando – se uma melhor mãe do que aquela. A relação com um bebê sempre remonta ao desejo de cada um de ter ou não um bebê ou quem sabe de já ter sido um bebê mal ou bem cuidado.

Exemplo 2: a primeira noite de uma criança em adaptação no abrigo.

¹² David, Myriam, Soins maternels, soins professionnels. In: *Prendre soin d'un jeune enfant*, Appell, G. e Tardos, A., (Org.) Ramonville Saint-Agne, Ed. Érès, 1998.

O comportamento da criança no dia seguinte desencadeia três reações diferentes nas educadoras citadas.

A primeira, muito angustiada com a situação, quer resolver o conflito forçando a alimentação e negando a maternidade, considerando-a um fardo.

A segunda acredita que o problema desencadeado pelo bebê, sua inadaptação na primeira noite na instituição, deveria ser resolvido pelos pais. Estes deveriam ser mais presentes na primeira semana. A ausência da família, vivenciada pela educadora em várias adaptações, provoca seu pré julgamento ao considerá-los relapsos

Já a última educadora parece identificar-se com os pais trabalhadores e empenha-se em conquistar a confiança da criança. Não houve, por parte desta educadora, uma postura crítica frente aos pais, mas sim uma espécie de solidariedade e identificação. Soubemos mais tarde que esta educadora havia passado um período internada em um orfanato, quando os pais perderam as condições materiais para sustentá-la. Posteriormente ela retornou ao seio familiar. Esta educadora experimentou também uma identificação com a criança, não como uma criança abandonada, mas como alguém que aguarda o retorno dos pais.

Acreditamos que não só o bebê precisa se adaptar ao mundo a sua volta, mas também o próprio ambiente precisa se adaptar ao bebê, incluindo aqui as inter-relações tanto na família, como na creche, valorizando a rede de cuidados que pode ser formada entre a família e a creche (Ferenczi, 1992).

O lugar social da creche no imaginário dos adultos pode ser pensado por diversos ângulos. Escolhemos aqui 2 aspectos muito evidentes na fala dos adultos. O primeiro é o lugar idealizado da instituição escolar como o lugar dos especialistas: lá os profissionais sabem que fazer com as crianças. O segundo lugar é o da separação. Os berçários das creches são, nos dias de hoje, o lugar por excelência da primeira separação entre pais e filhos. Aqui podemos pensar a creche como um terceiro, ampliando o horizonte sócio-afetivo do bebê, enquanto os pais retomam seus papéis sociais como profissionais, não mais se dedicando exclusivamente a seus bebês (Aragão, 1999).

No entanto, devemos considerar uma outra função para a creche: a de funcionar como um lugar de função materna para a mãe e o bebê – um amparo a mãe e ao bebê para que ambos dêem andamento ao processo de separação. Por vezes, o bebê precisa trazer “um pouquinho de mãe” para a creche na ten-

tativa de suportar a ausência de sua mãe. Algumas instituições, em nome das regras, resistem a fazer concessões circunstâncias num período de adaptação e muitas vezes pré-julgam as famílias sem escutá-las, simplesmente proibindo pequenos gestos como a entrada de objetos pessoais na instituição, que facilitariam imensamente o processo de adaptação infantil (Aragão, 1999).

Idéias idealizadas como o amor materno precisam ser revisitadas, desviando educadores e pais de uma rivalização infrutífera. A creche não deve tomar a criança para si, reforçando seu lugar de especialista, detentora do saber e da verdade sobre aquela criança, excluindo a família e o saber familiar.

A instituição educacional pode e deve autorizar a mãe quanto a seu saber sobre seu bebê, pois com certeza ela tem um saber privilegiado sobre seu filho e pode, se acolhida, desdobrar este saber em parceria com a creche (Aragão, 1999).

Aqui podemos refletir sobre a magnitude do trabalho dentro de um berçário, vislumbrando as inúmeras facetas implicadas no trabalho do educador de berçário.

E quem cuida destes profissionais da educação?

O educador precisa de um suporte para dar conta das intensidades emocionais despertadas e reativadas na relação com o bebê: a construção de um espaço de escuta para a subjetividade do educador. A psicanálise tem muito a contribuir sobre esta construção. Não se trata de oferecer um tratamento psicanalítico na instituição, mas oferecer uma escuta e uma leitura psicanalítica.

O toque, a voz, o olhar, a delicadeza de quem cuida permite a entrada do bebê no mundo da linguagem. Um nome recebemos, um lugar no contexto familiar ocupamos, com ou sem irmãos, perto ou não de nossos ancestrais. Vamos tecendo, em parceria com os que nos cercam, nossas impressões sobre nós mesmos e sobre o mundo. O tecido desta construção é a linguagem, não só a linguagem verbal, mas a linguagem mímica, a linguagem da cumplicidade, a linguagem da alegria, do sofrimento, das relações intersíquicas, a linguagem do corpo (Dolto, 1999).

Estas outras linguagens, que não a verbal e a escrita, são desqualificadas em nossa sociedade, praticamente como se só nos tornássemos pessoas quando adquiríssemos o domínio da fala e da escrita, ou seja, finalmente mergulhássemos no mundo racional, considerado ainda, equivocadamente, como o único de valor.

Cuidar exige o exercício de uma singularidade na relação com o bebê, o que é difícil de praticar no dia-a-dia da vida cotidiana.

O cuidar coloca um desafio para a lógica moral contemporânea, porque não está assentado sobre condutas universais; não há uma maneira ou uma quantidade de cuidados que sirva para todos indistintamente. O cuidado não pode ser generalizado. Ele exige particularismo, porque as pessoas são singulares (Tiriba, 2005, p. 82).

O valor das relações personalizadas estabelecidas no ato de cuidar, especialmente quando falamos de cuidado infantil é inestimável. O investimento feito em cada criança, desde sua chegada ao mundo, é definitivo para a construção de sua identidade como sujeito de desejo.

Nada no homem é natural; muito menos sua humanidade. O ‘ninho’ – amparo para humanizar é de Outra ordem: o Simbólico. Só a função simbólica possibilita a antecipação que produz um lugar psíquico para a criança na parentalidade, a partir de uma promessa simbólica de subjetivação do novo ser (Motta, 2002, p.113).

Didier Anzieu (1988) desenvolveu estudos interessantes, valorizando os sentidos, chamados em sua teoria de envelopes sensoriais. Este autor acredita que a constituição do sujeito depende do desenvolvimento destes envelopes sensoriais. Ele defende a existência de seis envelopes sensoriais: o envelope tátil – a pele –, o envelope sonoro, o envelope gustativo, o envelope olfativo, o envelope muscular e o envelope térmico. O sujeito só se perceberá inteiro, a partir da integração destes envelopamentos.

A percepção de um corpo integrado vai depender da construção do processo de separação entre mãe e bebê. Este é um processo extremamente delicado e pode ser descrito como o faz Ivanise Fontes:

(...) sair da unidade-dual para perceber a existência de um eu e de um não-eu é o caminho inicial para o desenvolvimento do psiquismo (...) O cerne da questão está em que o bebê normal, com uma mãe responsiva (atenta e dedicada), vai precisar adquirir gradativamente esta consciência de que existem dois e não um só. Digo gradativamente porque o bebê vai oscilar entre uma ilusão de continuidade física e uma quebra da continuidade corporal. Oscilação essa necessária para que ele se asse-

gure de uma possibilidade de separação não catastrófica (Fontes, 2002, p. 5).

O prejuízo de tratarmos um bebê de forma impessoal, sem nomeá-lo, cuidando-o de maneira anônima é assustador. A psicanálise nos traz, com o conceito de Lacan sobre o estádio do espelho, a importância do outro para o nascimento subjetivo do bebê. O estádio do espelho é:

(...) este momento em que o bebê por volta dos 6 meses, sorri para a sua própria imagem refletida e procura, no rosto do pai ou da mãe que o carrega, a validação daquilo que vê no espelho. Este momento de júbilo é essencial, porque é quando podemos estar seguros de que um eu (no sentido de um ego) vai se constituir (Laznik, 2004, p. 159).

A criança procura no olhar de seu cuidador o reconhecimento de sua existência, o bebê só é humano se alguém o reconhece. A criança nasce subjetivamente na presença do outro, que precisamente por suas características de alteridade frente ao bebê, “cuida e ampara, reconhece, delimita e toma, por meio de sua fantasia, o bebê como objeto total de sua satisfação, certamente reflexo do próprio narcisismo materno” (Celes, 2004, p. 54).

Portanto, percebemos que os desafios subjetivos vividos pelos pais frente a um bebê são enfrentados também pelos educadores nos berçários das creches. Processos de ressignificação das subjetividades e das relações em curso são desencadeados. Estes adultos, assim como os pais, vivem um desafio: acolher o bebê em sua diferença.

Um bebê sempre surpreende, não só aos pais, que na maioria das vezes o desejaram, mas a todos os adultos que o cercam. O bebê imaginariamente esperado durante a gravidez, geralmente, entra em conflito com o bebê real. Da mesma maneira nos berçários das creches pode-se esperar um bebê difícil num primeiro dia de adaptação e surpreender-se com uma criança autônoma e sociável, ou vice-versa.

A maneira peculiar pela qual os adultos falam aos bebês, conhecida como manhês ou parentês, recolhe o bebê de um lugar de indiferença e o introduz no mundo das significações.

O discurso psicanalítico pode entrar aqui de maneira distinta do discurso pedagógico, oferecendo ao educador a possibilidade de uma leitura singular

de cada bebê para além de suas necessidades, preparando o profissional para detectar bebês com transtornos.

A dimensão ética nos cuidados com os bebês implica em

(...) saber sobre as necessidades da primeira infância, daquilo que um bebê precisa ter assegurado para se constituir subjetivamente, coloca a todos os que trabalham com a primeira infância um compromisso ético, de responsabilidade. Um bebê sozinho não existe (Seguim & Daffre, 2005, p. 182).

VI. Considerações finais, abertas

Todos os atores envolvidos no processo de educar as crianças pequenas devem ser contemplados quanto as suas necessidades físicas, psicológicas, emocionais, de conhecimento. O educador em parceria com o bebê protagoniza esta cena. Sendo assim, a mobilização vivida pelo profissional que está mergulhado neste universo extremamente rico e complexo, decorrente das angústias vividas pelos bebês de quem cuida podem e devem ser acolhidas dentro da instituição educacional.

Algumas competências primordiais para todos os que trabalham com a primeira infância:¹³

1. Ser capaz de estabelecer vínculos de qualidade com bebês.
2. Valorizar a continuidade dos laços.
3. Ser capaz de se adaptar ao bebê.
4. Ser capaz de reconhecer sinais de sofrimento no bebê.
5. Garantir uma interação de qualidade.

Na perspectiva de compreender o ato de cuidar como uma via de mão dupla, como foi desenvolvido neste texto, sabemos da importância de cuidar dos educadores que cuidam dos bebês. Desta forma, trabalhar angústias infantis como ciúmes, inveja, sexualidade, laço afetivo, pode ser extremamente difícil para um adulto que não tenha suas próprias angústias minimamente ouvidas ou a possibilidade de estudar sobre o que se passa com bebês e crianças pequenas. A idéia de uma “permanente formação em serviço” contempla nos-

¹³ Seminário Prêmio Criança 2004 da Abring pelos direitos da criança e do adolescente. Disponível em: <<http://www.silviamaterne.com.br/inst.htm>>.

sas preocupações, abrindo a possibilidade para trabalhar temas a partir de situações concretas do dia a dia. Assim, nos desafiando a desenvolver novas reflexões, estudos, pesquisas, trocas de idéias, entre todos os que buscam uma melhor qualidade nos cuidados com os bebês.

Isabel Cristina Bogéa Borges

Praia de Botafogo 210/sl. 908

Botafogo-Rio de Janeiro-RJ

22250-145

fone: (21) 2554-8150

e-mail: isabelcbogeaorges@gmail.com

Referências

ANZIEU, D. *O eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

ARAGÃO, R. O. Psicanálise na creche: necessidade ou utopia? *Pulsional*: revista de psicanálise. São Paulo: Ed. Escuta, ano 9, n. 89, set. 1996.

_____. Como lidar com o sofrimento da criança? *Pulsional*: revista de psicanálise. São Paulo, v. 12, n.124, ago, 1999.

_____. *A implicação afetiva dos profissionais que cuidam de bebês*: conseqüências para a formação. Brasília, 2007. (mimeo).

_____. *O bebê, o corpo e a linguagem*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MOTTA, S. P. P. Prevenção em saúde mental – por que não? In: BERNARDINO, L. M. F.; ROHENKOHL, C. M. F. (org.). *O bebe e a modernidade*: abordagens teórico-clínicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BOGÉA BORGES, I. C. *Cuidar*: uma via de mão dupla. Originalmente apresentado como monografia do curso de especialização em Educação Infantil, PUC-Rio, 2007.

CELES, Luiz Augusto. Nascimento psíquico. In: ARAGÃO, Regina (Org.). *O bebê o corpo e a linguagem*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. Lisboa: Caminho, 1992.

DAVID, Myriam. Soins maternels, soins professionnels. In: APPEL, G.; TARDOS, A (Org.). *Prendre soin d'un jeune enfant*. Ramonville Saint-Agne: Ed. Érès, 1998.

DOLTO, Françoise. *Imagens inconscientes do corpo*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. *Tudo é linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERENCZI, Sándor. (1922). O sonho do bebê sábio. In: _____. *Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

- FONTES, I. *A ternura tátil: o corpo na origem do psiquismo*. São Paulo: Via Lettera, 2002.
- GOLSE, B. *Sobre a psicoterapia pais-bebê: narratividade, filiação e transmissão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- GUIMARÃES, D. *O berço e o paredão: movimento corporal e modelação num grupo de crianças de 1 a 2 anos de uma creche carioca*. Rio de Janeiro, 2004. (mimeo).
- JOBIM E SOUZA, S.; AMORIM GARCIA, C.; RABELLO DE CASTRO, L. Mapeamentos para a compreensão da infância contemporânea. In: _____. *Infância, cinema e sociedade*. Rio de Janeiro: Ravil, 1997.
- LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LAZNIK, M. C. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Salvador: Ágalma, 2004.
- LDB: portal.mec.gov.br/arquivos/pdf, 1996.
- SEGUIM ; DAFFRE. Cuidando do cuidador. In: MELGAÇO, Rosely Gazire. *A ética na atenção ao bebê*. Psicanálise – Saúde – Educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- TEPERMAN, Daniela Waldman. *Clinica psicanalítica com bebês: uma intervenção a tempo*. São Paulo: Casa do Psicólogo/Fapesp, 2005.
- TIRIBA, Lea. *Criança, natureza e educação infantil*. Originalmente apresentado como tese de doutorado, Departamento de Educação – PUC-Rio, 2005.
- WINNICOTT, D. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- _____. *O brincar e a realidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- _____. *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- _____. *Os bebês e suas mães*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1999.
- _____. *A natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.